

OS CONTOS DE FADAS COMO EXPRESSÃO DO INCONSCIENTE COLETIVO: UMA INTERPRETAÇÃO JUNGUIANA

FAIRY TALES AS EXPRESSIONS OF THE COLLECTIVE UNCONSCIOUS: A JUNGIAN INTERPRETATION

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.063-028>

Marcelly Mesquita

Profa. Dra.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7595965934736130>

Resumo

Os contos de fadas constituem narrativas simbólicas que atravessam gerações e culturas, preservando imagens e estruturas recorrentes que refletem aspectos universais da experiência humana. Sob a perspectiva da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung, essas narrativas podem ser compreendidas como manifestações do inconsciente coletivo, expressando arquétipos que organizam a vida psíquica e favorecem processos de desenvolvimento psicológico. Nesse contexto, personagens como heróis, reis, rainhas, bruxas, dragões e velhos sábios representam forças psíquicas presentes na constituição da personalidade. O presente artigo tem como objetivo analisar os contos de fadas como expressões do inconsciente coletivo a partir de uma interpretação junguiana, discutindo os conceitos de arquétipo, individuação e simbolismo. A pesquisa caracteriza-se como bibliográfica e fundamenta-se principalmente nas contribuições de Jung, Bettelheim e Marie-Louise von Franz. Conclui-se que os contos de fadas desempenham importante função psicológica ao representar simbolicamente conflitos, desafios e possibilidades de transformação que acompanham o desenvolvimento humano.

Palavras-chave: Arquétipos; Contos de fadas; Inconsciente coletivo; Individuação; Psicologia Analítica.

Abstract

Fairy tales are symbolic narratives that transcend generations and cultures, preserving recurring images and structures that reflect universal aspects of human experience. From the perspective of Carl Gustav Jung's Analytical Psychology, these narratives can be understood as manifestations of the collective unconscious, expressing archetypes that organize psychic life and foster processes of psychological development. In this context, characters such as heroes, kings, queens, witches, dragons, and wise elders represent psychic forces involved in the formation of personality. This article aims to analyze fairy tales as expressions of the collective unconscious through a Jungian interpretation, discussing the concepts of archetype,

individuation, and symbolism. The study is bibliographical in nature and is primarily based on the contributions of Jung, Bettelheim, and Marie-Louise von Franz. It is concluded that fairy tales perform an important psychological function by symbolically representing conflicts, challenges, and possibilities for transformation that accompany human development.

Keywords: Analytical Psychology; Archetypes; Collective Unconscious; Fairy Tales; Individuation.

1 INTRODUÇÃO

Os contos de fadas ocupam um lugar significativo na história da humanidade, sendo transmitidos oralmente e posteriormente registrados em diversas culturas. Embora frequentemente associados ao universo infantil, essas narrativas apresentam significados que ultrapassam a função de entretenimento. Para a Psicologia Analítica, os contos de fadas expressam conteúdos simbólicos relacionados à estrutura profunda da psique humana.

Jung (2012) afirma que determinadas imagens e temas reaparecem continuamente em diferentes culturas porque derivam do inconsciente coletivo, dimensão psíquica composta por experiências universais compartilhadas por toda a humanidade. Nesse sentido, os contos de fadas podem ser compreendidos como manifestações simbólicas desses conteúdos arquetípicos, revelando aspectos fundamentais da condição humana.

Marie-Louise von Franz (2022), uma das principais discípulas de Jung, destaca que os contos de fadas constituem a expressão mais pura e simples dos processos psíquicos coletivos. Por apresentarem estruturas simbólicas menos complexas que os mitos e as religiões, essas narrativas permitem observar com maior clareza o funcionamento dos arquétipos e os processos de transformação psicológica.

Diante dessas perspectivas, o presente artigo busca analisar os contos de fadas como expressões do inconsciente coletivo, discutindo seus significados psicológicos e sua relevância para a compreensão do desenvolvimento humano.

2 O INCONSCIENTE COLETIVO E OS ARQUÉTIPOS

Um dos conceitos centrais da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung é o inconsciente coletivo, compreendido como uma dimensão profunda da psique que ultrapassa as experiências individuais e constitui um patrimônio psicológico comum a toda a humanidade. Diferentemente do inconsciente pessoal, formado por conteúdos adquiridos ao longo da vida, como memórias reprimidas, emoções esquecidas e experiências individuais, o inconsciente coletivo corresponde a estruturas universais presentes em todos os seres humanos. Segundo Jung (2012), essas estruturas são herdadas e manifestam-se independentemente da cultura, da época histórica ou das experiências particulares de cada indivíduo. Por meio delas, a

humanidade compartilha padrões simbólicos que se repetem em sonhos, mitos, religiões, lendas e narrativas tradicionais.

De acordo com Jung (2008), os conteúdos fundamentais do inconsciente coletivo são os arquétipos, definidos como formas primordiais de percepção e experiência. Esses arquétipos não possuem uma imagem fixa, mas aparecem simbolicamente em diferentes contextos culturais, mantendo um núcleo de significado relativamente constante. Assim, embora suas manifestações variem conforme o tempo e a cultura, figuras como o herói, a mãe, a sombra, o velho sábio e o Self continuam presentes em diferentes narrativas ao redor do mundo. Para Jung (2012), essa recorrência demonstra que determinados temas fazem parte da própria estrutura psicológica da humanidade e expressam aspectos fundamentais da existência humana, tais como amor, medo, morte, poder, transformação e busca de sentido.

Os contos de fadas constituem uma das formas mais expressivas de manifestação desses conteúdos arquetípicos. Neles, os arquétipos assumem a forma de personagens e acontecimentos simbólicos que refletem processos psicológicos universais. O herói representa a capacidade humana de enfrentar desafios e desenvolver a consciência; a mãe simboliza acolhimento, proteção e nutrição; o velho sábio expressa conhecimento e orientação; enquanto a sombra aparece frequentemente sob a forma de bruxas, monstros, gigantes ou dragões, representando aspectos desconhecidos ou reprimidos da personalidade. Dessa forma, os contos de fadas oferecem imagens acessíveis para representar conflitos e potencialidades presentes na vida psíquica.

Von Franz (2022) destaca que os contos de fadas constituem uma das expressões mais puras do inconsciente coletivo por apresentarem os arquétipos de forma simples e direta. Diferentemente dos mitos e das religiões, que costumam possuir estruturas mais complexas e ligadas a contextos culturais específicos, os contos de fadas concentram-se em conflitos humanos essenciais. Por essa razão, permitem observar com maior clareza os movimentos básicos da psique e os processos de transformação psicológica que acompanham o desenvolvimento humano. Ao narrar jornadas, desafios e conquistas, essas histórias representam simbolicamente a busca por crescimento, equilíbrio e realização pessoal.

Entre os arquétipos mais importantes encontra-se o Self, considerado por Jung (2012) o centro organizador da personalidade e o símbolo da totalidade psíquica. Nos contos de fadas, ele costuma aparecer representado por tesouros, castelos, reinos restaurados, coroações ou casamentos reais. Essas imagens simbolizam a integração dos diferentes aspectos da personalidade e a conquista de um estado de maior harmonia interior. Sob essa perspectiva, os contos de fadas podem ser compreendidos como representações simbólicas da própria vida psíquica. Ao acompanhar a trajetória dos personagens, o leitor entra em contato com experiências universais relacionadas ao medo, ao desejo, à transformação e ao autoconhecimento. Assim, a recorrência dessas narrativas ao longo dos séculos pode ser explicada pela presença dos arquétipos

e do inconsciente coletivo, que continuam tornando os contos de fadas atuais, significativos e profundamente conectados à experiência humana.

3 OS CONTOS DE FADAS COMO LINGUAGEM SIMBÓLICA DA PSIQUE

Para Von Franz (2022), os contos de fadas podem ser compreendidos como representações simbólicas dos processos psicológicos fundamentais que fazem parte da experiência humana. Diferentemente das narrativas realistas, que procuram reproduzir acontecimentos do cotidiano, os contos utilizam elementos fantásticos, personagens extraordinários e situações mágicas para expressar conflitos emocionais, medos, desejos e possibilidades de transformação. Por essa razão, essas histórias não devem ser interpretadas apenas como obras de entretenimento, mas como manifestações simbólicas do funcionamento da psique e das dinâmicas presentes no inconsciente coletivo.

Segundo a autora, os personagens e acontecimentos dessas narrativas expressam conteúdos universais que acompanham a humanidade ao longo do tempo. Reis, rainhas, bruxas, heróis, monstros e velhos sábios não representam apenas figuras literárias, mas simbolizam aspectos da personalidade e desafios associados ao desenvolvimento psicológico. Os contos de fadas preservam, em linguagem simbólica, experiências relacionadas ao medo, à perda, ao crescimento, à autonomia e à busca de identidade, permitindo que tais conteúdos sejam compreendidos e elaborados de forma indireta.

Bettelheim (2010) argumenta que o valor psicológico dos contos de fadas reside justamente em sua capacidade de representar experiências complexas que dificilmente poderiam ser explicadas racionalmente às crianças. Por meio da fantasia, conflitos relacionados ao abandono, à rivalidade, à insegurança, ao desejo e ao amadurecimento tornam-se acessíveis à compreensão emocional. As narrativas oferecem imagens simbólicas por meio das quais o leitor pode identificar-se com personagens e situações, encontrando formas de elaborar suas próprias angústias e desafios.

Nesse contexto, os personagens não devem ser compreendidos apenas como indivíduos fictícios, mas como representações de movimentos psíquicos presentes na experiência humana. A luta contra um dragão pode simbolizar o enfrentamento de medos e dificuldades internas; a travessia de uma floresta representa o contato com o desconhecido e com conteúdos inconscientes; enquanto a conquista de um tesouro ou de um reino sugere a descoberta de recursos internos e a ampliação da consciência. Dessa forma, os acontecimentos narrados refletem processos psicológicos que acompanham o desenvolvimento da personalidade.

Assim, os contos de fadas constituem uma importante linguagem simbólica da psique. Ao transformar conflitos emocionais em imagens acessíveis à imaginação, essas narrativas permitem a expressão de conteúdos inconscientes e favorecem processos de autoconhecimento e amadurecimento.

Mais do que histórias fantásticas, representam experiências universais da condição humana e revelam, por meio dos símbolos, aspectos profundos da jornada psicológica de cada indivíduo.

4 ARQUÉTIPOS RECORRENTES NOS CONTOS DE FADAS

Os contos de fadas apresentam, de forma recorrente, diversos arquétipos descritos por Carl Gustav Jung, funcionando como representações simbólicas de processos psicológicos universais. Para Jung (2012), os arquétipos constituem estruturas fundamentais do inconsciente coletivo e manifestam-se por meio de imagens, personagens e situações que aparecem repetidamente em diferentes culturas. Essas figuras não representam apenas elementos narrativos, mas expressam experiências humanas profundas relacionadas ao crescimento, à identidade, ao conflito e à transformação. Por essa razão, os contos de fadas preservam uma permanência histórica que transcende épocas e contextos culturais, possibilitando que diferentes gerações se identifiquem com seus personagens e desafios.

Entre os arquétipos mais recorrentes encontra-se o herói, figura que simboliza a capacidade humana de enfrentar obstáculos e buscar desenvolvimento psicológico. Sua jornada representa o esforço constante do indivíduo para superar limitações, vencer dificuldades e ampliar a consciência sobre si mesmo e sobre o mundo. Nos contos de fadas, o herói frequentemente inicia sua trajetória em uma posição de fragilidade ou vulnerabilidade, sendo obrigado a enfrentar provas que exigem coragem, perseverança e transformação interior. Sob a perspectiva junguiana, essa jornada simboliza o próprio processo de crescimento da personalidade e a busca pela realização do potencial humano.

Outro arquétipo fundamental é a sombra, definida por Jung (2012) como o conjunto de aspectos rejeitados, reprimidos ou desconhecidos da personalidade. Nos contos de fadas, a sombra geralmente assume a forma de bruxas, monstros, dragões, gigantes ou vilões que desafiam o protagonista ao longo da narrativa. Essas figuras representam medos, impulsos, desejos e conflitos que o indivíduo tende a negar ou evitar reconhecer em si mesmo. No entanto, o amadurecimento psicológico exige justamente o confronto com esses conteúdos. Assim, a luta contra o monstro ou a bruxa simboliza o processo pelo qual o sujeito entra em contato com aspectos ocultos da própria psique e desenvolve maior autoconhecimento.

Também merece destaque o arquétipo do velho sábio, frequentemente representado por magos, anciãos, conselheiros ou figuras protetoras que auxiliam o herói em sua jornada. Esse arquétipo simboliza a sabedoria, o conhecimento e a orientação necessários para enfrentar os desafios do crescimento. Sua presença sugere que o desenvolvimento humano não ocorre de forma isolada, mas frequentemente depende da transmissão de experiências e do acesso a recursos internos ou externos capazes de favorecer a transformação. Da mesma forma, o arquétipo da grande mãe aparece sob diferentes formas, podendo representar proteção, acolhimento e nutrição, mas também controle, dependência e destruição em suas

manifestações negativas. Essa ambivalência revela a complexidade das relações humanas e dos vínculos afetivos que participam da construção da identidade.

Por fim, destaca-se o Self, considerado por Jung (2012) o arquétipo da totalidade psíquica e o objetivo final do processo de individuação. Nos contos de fadas, o Self costuma manifestar-se simbolicamente por meio de tesouros, castelos, coroações, reinos restaurados ou casamentos reais. Essas imagens representam a integração dos diferentes aspectos da personalidade e a conquista de um estado de maior equilíbrio interior. Ao final da jornada, quando o herói supera seus desafios e alcança a recompensa simbólica, não ocorre apenas uma vitória externa, mas a representação de uma transformação psicológica profunda. Dessa forma, os arquétipos presentes nos contos de fadas revelam os movimentos fundamentais da psique humana e permitem compreender essas narrativas como expressões simbólicas dos processos de desenvolvimento, amadurecimento e busca pela totalidade.

5 INDIVIDUAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO PSICOLÓGICA

O processo de individuação ocupa posição central na teoria de Carl Gustav Jung e corresponde ao caminho de desenvolvimento psicológico por meio do qual o indivíduo torna-se aquilo que potencialmente é. Segundo Jung (2012), a individuação não significa isolamento ou individualismo, mas a integração progressiva dos conteúdos conscientes e inconscientes da personalidade. Trata-se de um movimento contínuo de autoconhecimento e amadurecimento, no qual o sujeito passa a reconhecer diferentes aspectos de si mesmo, incluindo qualidades, limitações, desejos, medos e potencialidades. Esse processo conduz à ampliação da consciência e à construção de uma identidade mais autêntica e integrada.

De acordo com Von Franz (2017), os contos de fadas constituem uma das representações simbólicas mais claras da individuação. Em muitas dessas narrativas, os protagonistas iniciam sua trajetória em uma condição de fragilidade, abandono, pobreza ou incompletude. Ao longo da história, enfrentam desafios, realizam jornadas, encontram personagens auxiliares e confrontam adversários que simbolizam obstáculos internos e externos. Essas experiências promovem transformações que conduzem os personagens a um estado de maior maturidade, sabedoria e realização. Assim, a estrutura dos contos de fadas reflete simbolicamente o percurso psicológico vivido por todo ser humano em sua busca por desenvolvimento e equilíbrio interior.

A trajetória percorrida pelos personagens representa, portanto, os movimentos da própria psique humana. A floresta, elemento recorrente em inúmeras narrativas, simboliza o inconsciente e os territórios desconhecidos da personalidade. Os monstros, bruxas, gigantes e dragões representam medos, conflitos e conteúdos reprimidos que precisam ser enfrentados. Os aliados, sábios e figuras mágicas simbolizam recursos internos e externos que auxiliam o sujeito durante seu processo de transformação. Dessa forma, os

acontecimentos fantásticos presentes nos contos de fadas podem ser compreendidos como metáforas dos desafios emocionais e psicológicos encontrados ao longo da vida.

Outro aspecto importante desse percurso refere-se ao encontro com a sombra, conceito que Jung (2012) utiliza para designar os aspectos menos reconhecidos da personalidade. Nos contos de fadas, esse confronto geralmente ocorre quando o herói se depara com forças ameaçadoras que precisam ser vencidas ou compreendidas. O desenvolvimento psicológico não acontece pela eliminação desses conteúdos, mas por sua integração consciente. Por essa razão, os desafios vividos pelos protagonistas possuem função essencial na narrativa: eles representam experiências necessárias para o crescimento, o amadurecimento e a ampliação da consciência.

Ao final da jornada, os personagens costumam alcançar uma recompensa simbólica que representa a realização do processo de individuação. Tesouros, castelos, reinos restaurados, coroações ou casamentos reais simbolizam a integração dos diferentes aspectos da personalidade e a conquista de um estado de maior harmonia interior. Sob essa perspectiva, os contos de fadas descrevem metaforicamente o caminho em direção ao Self, arquétipo da totalidade psíquica. Assim, essas narrativas revelam que o crescimento humano é um processo de transformação contínua, no qual os desafios e conflitos tornam-se oportunidades para o desenvolvimento da identidade, da consciência e da realização pessoal.

6 O FEMININO NOS CONTOS DE FADAS

As figuras femininas ocupam posição de destaque nos contos de fadas e desempenham papel fundamental na representação simbólica dos processos psicológicos descritos pela Psicologia Analítica. Segundo Von Franz (2010), personagens como princesas, rainhas, fadas, madrastas e bruxas expressam diferentes aspectos da psique feminina, refletindo conflitos, potencialidades e experiências relacionadas à construção da identidade. Essas figuras não devem ser compreendidas apenas como personagens literárias, mas como manifestações arquetípicas que revelam dimensões profundas da experiência humana e dos processos de transformação psicológica.

De acordo com a autora, as heroínas dos contos de fadas frequentemente iniciam suas jornadas em situações de fragilidade, dependência ou conflito. Ao longo da narrativa, são submetidas a provas que exigem paciência, coragem, discernimento e capacidade de transformação. Essas experiências simbolizam desafios inerentes ao amadurecimento psicológico, demonstrando que o crescimento pessoal envolve enfrentar obstáculos, desenvolver recursos internos e ampliar a consciência sobre si mesmo. Dessa forma, as trajetórias femininas presentes nos contos refletem processos universais de desenvolvimento e individuação.

As princesas, por exemplo, costumam representar potenciais ainda não plenamente desenvolvidos da personalidade. Muitas vezes elas iniciam a narrativa em posições de passividade ou vulnerabilidade, mas

gradualmente adquirem força, sabedoria e autonomia. Já as rainhas podem simbolizar autoridade, maturidade e poder, enquanto as fadas representam proteção, criatividade e auxílio em momentos de dificuldade. Em contraste, figuras como madrastas e bruxas expressam aspectos mais sombrios da psique, relacionados ao ciúme, ao controle, à destruição ou a conflitos não resolvidos. Essa diversidade demonstra que o feminino não aparece de forma única ou simplificada, mas revela diferentes possibilidades de manifestação psicológica.

Von Franz (2010) destaca ainda que os contos de fadas apresentam o feminino de forma ambivalente, evidenciando tanto seus aspectos construtivos quanto destrutivos. Essa característica aproxima as narrativas da complexidade da experiência humana, uma vez que os arquétipos não representam qualidades exclusivamente positivas ou negativas. Assim, uma mesma figura pode simbolizar cuidado e proteção ou assumir aspectos ameaçadores e controladores. Essa dualidade permite compreender o feminino como uma força dinâmica da psique, capaz de promover crescimento, transformação e renovação, mas também de expressar conflitos e tensões que precisam ser elaborados.

Sob a perspectiva junguiana, as personagens femininas desempenham função essencial nos processos de transformação psicológica porque frequentemente representam etapas do desenvolvimento interior. Suas jornadas simbolizam a busca por autoconhecimento, equilíbrio e integração da personalidade. Ao enfrentar desafios e superar obstáculos, essas personagens ilustram o movimento em direção à individuação, demonstrando que o amadurecimento psicológico depende da integração de diferentes aspectos da experiência humana. Dessa forma, os contos de fadas revelam a riqueza e a complexidade dos arquétipos femininos presentes no inconsciente coletivo, oferecendo importantes reflexões sobre identidade, crescimento e transformação.

7 METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa, de caráter bibliográfico, exploratório e interpretativo, desenvolvido com o objetivo de analisar os contos de fadas como expressões simbólicas do inconsciente coletivo a partir da perspectiva da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung. O estudo fundamenta-se na compreensão de que essas narrativas preservam imagens arquetípicas universais capazes de revelar aspectos profundos da experiência humana, funcionando como importantes manifestações simbólicas da vida psíquica. O artigo teve como foco a investigação dos conceitos de inconsciente coletivo, arquétipos, individuação e simbolismo presentes nos contos de fadas, buscando compreender sua relação com os processos de desenvolvimento da personalidade.

A pesquisa bibliográfica foi realizada a partir da análise de obras clássicas da Psicologia Analítica e dos estudos especializados sobre contos de fadas. Inicialmente, foram examinadas as contribuições de Carl Gustav Jung, especialmente suas formulações sobre o inconsciente coletivo e os arquétipos, compreendidos

como estruturas universais da psique que se manifestam em mitos, sonhos, religiões e narrativas tradicionais. A partir desses referenciais, buscou-se identificar de que maneira os contos de fadas preservam imagens simbólicas recorrentes relacionadas aos processos de crescimento, transformação e construção da identidade humana.

Também foram analisadas as contribuições de Bruno Bettelheim, que destaca a função psicológica dos contos de fadas na elaboração dos conflitos emocionais da infância e da vida adulta. Segundo sua perspectiva, essas narrativas permitem representar simbolicamente conteúdos relacionados ao medo, ao abandono, à rivalidade, ao desejo, à autonomia e ao amadurecimento. A incorporação desse referencial possibilitou compreender os contos de fadas não apenas como manifestações culturais, mas também como instrumentos de elaboração psíquica e desenvolvimento emocional.

Outro eixo teórico fundamental foi constituído pelos estudos de Marie-Louise von Franz, cuja produção acadêmica aprofundou a interpretação junguiana dos contos de fadas. Suas análises permitiram compreender essas narrativas como expressões privilegiadas do inconsciente coletivo, caracterizadas pela presença de arquétipos, símbolos e estruturas narrativas que representam etapas do desenvolvimento psicológico e do processo de individuação. As contribuições da autora também possibilitaram a interpretação das figuras femininas, dos heróis, da sombra, do Self e dos diferentes símbolos presentes nos contos de fadas como representações dos movimentos fundamentais da psique humana.

A análise foi conduzida por meio da identificação e interpretação de categorias temáticas recorrentes presentes na literatura consultada. Foram definidas como categorias analíticas os conceitos de inconsciente coletivo, arquétipos, herói, sombra, Self, individuação, feminino simbólico, desenvolvimento psicológico e transformação da personalidade. Essas categorias permitiram estabelecer relações entre os referenciais teóricos e os elementos narrativos presentes nos contos de fadas, favorecendo uma compreensão mais ampla de seu significado psicológico.

OS CONTOS DE FADAS COMO EXPRESSÃO DO INCONSCIENTE COLETIVO: UMA INTERPRETAÇÃO JUNGUIANA

Tabela 1 – Autores e contribuições teóricas para a pesquisa.

Autor	Obra	Principais contribuições para o estudo
Jung (2008)	<i>O homem e seus símbolos</i>	Fundamentação dos conceitos de símbolo, arquétipo e manifestações do inconsciente coletivo.
Jung (2012)	<i>Os arquétipos e o inconsciente coletivo</i>	Discussão dos arquétipos, da sombra, do Self e da individuação como estruturas centrais da psique.
Bettelheim (2010)	<i>A psicanálise dos contos de fadas</i>	Interpretação dos contos de fadas como instrumentos de elaboração emocional e amadurecimento psicológico.
Von Franz (2022)	<i>A interpretação dos contos de fada</i>	Compreensão dos contos de fadas como expressões simbólicas dos processos psíquicos coletivos.
Von Franz (2017)	<i>A individuação nos contos de fadas</i>	Relação entre as jornadas dos personagens e o processo de individuação descrito por Jung.
Von Franz (2010)	<i>O feminino nos contos de fadas</i>	Estudo dos arquétipos femininos e de seu papel nos processos de transformação psicológica.

Fonte: Elaborada pela autora.

Os dados foram analisados por meio da interpretação simbólica dos personagens, cenários e acontecimentos recorrentes nos contos de fadas descritos pela literatura especializada. A partir desse procedimento, buscou-se compreender como arquétipos como o herói, a sombra, o velho sábio, a grande mãe e o Self participam da construção de narrativas que representam conflitos universais da existência humana. Dessa forma, a metodologia adotada permitiu evidenciar os contos de fadas como importantes expressões do inconsciente coletivo e como instrumentos relevantes para a compreensão dos processos de desenvolvimento psicológico, amadurecimento e construção da identidade.

8 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise das obras de Jung (2008; 2012), Bettelheim (2010) e Von Franz (2017; 2022) demonstra que os contos de fadas constituem manifestações privilegiadas do inconsciente coletivo e preservam conteúdos simbólicos que atravessam culturas, gerações e contextos históricos distintos. Os resultados obtidos indicam que essas narrativas não devem ser interpretadas apenas em seu sentido literal ou moralizante, mas como representações simbólicas de conflitos, desafios e possibilidades de transformação que acompanham a experiência humana. A recorrência de determinadas imagens, personagens e estruturas narrativas sugere a presença de padrões universais da psique, confirmando a relevância dos conceitos junguianos de arquétipo e inconsciente coletivo para a compreensão dos contos de fadas.

A análise evidenciou que os arquétipos descritos por Jung aparecem de forma recorrente nas narrativas estudadas, independentemente do período histórico ou da cultura em que foram produzidas. Figuras como o herói, a sombra, a grande mãe, o velho sábio e o Self manifestam-se continuamente em diferentes histórias, assumindo formas variadas, mas preservando significados psicológicos semelhantes. Essa recorrência reforça a hipótese de que os contos de fadas expressam conteúdos universais da psique

humana, funcionando como representações simbólicas de experiências fundamentais relacionadas ao medo, ao amor, à perda, ao crescimento, à autonomia e à busca de sentido para a existência.

Os resultados também demonstram que a presença desses arquétipos possibilita aos leitores identificar-se com os conflitos vividos pelos personagens. O herói simboliza a necessidade de enfrentar desafios e superar obstáculos; a sombra representa aspectos rejeitados ou desconhecidos da personalidade; e o velho sábio surge como figura orientadora nos processos de mudança e amadurecimento. Dessa forma, os contos de fadas oferecem modelos simbólicos que auxiliam na compreensão de experiências emocionais complexas e favorecem processos de reflexão sobre a própria trajetória de vida.

Outro aspecto relevante identificado ao longo da análise refere-se ao papel dos contos de fadas nos processos de individuação. Conforme destacam Jung (2012) e Von Franz (2017), muitas dessas narrativas descrevem simbolicamente o caminho percorrido pelo indivíduo em direção à integração da personalidade. Os personagens frequentemente iniciam sua jornada em situações de fragilidade, desconhecimento ou incompletude e, ao longo da narrativa, enfrentam provas, desafios e transformações que conduzem a uma condição de maior maturidade. Tal estrutura narrativa reproduz simbolicamente os movimentos psicológicos envolvidos no desenvolvimento da consciência e na busca pela realização do Self.

Os resultados permitem ainda compreender que os contos de fadas desempenham importante função psicológica ao favorecer a elaboração de experiências emocionais complexas. Bettelheim (2010) argumenta que essas narrativas possibilitam que conteúdos relacionados ao medo, à rivalidade, à autonomia, ao desejo e à insegurança sejam representados por meio de símbolos e metáforas acessíveis à imaginação. Ao transformar conflitos difíceis em imagens compreensíveis, os contos oferecem recursos para que crianças e adultos possam refletir sobre questões profundas da existência humana sem recorrer a explicações excessivamente abstratas ou racionais.

Observou-se também que a linguagem simbólica dos contos de fadas constitui um importante mediador entre consciente e inconsciente. Elementos como florestas, castelos, monstros, dragões, tesouros e jornadas não representam apenas cenários ou acontecimentos fantásticos, mas simbolizam estados psicológicos e experiências internas. A floresta, por exemplo, frequentemente aparece associada ao inconsciente e ao desconhecido; os monstros representam conflitos internos e medos profundos; enquanto os tesouros simbolizam descobertas relacionadas aos potenciais da personalidade. Essa riqueza simbólica contribui para explicar a permanência e a relevância dessas narrativas ao longo dos séculos.

Outro ponto importante refere-se à universalidade dos temas abordados pelos contos de fadas. Embora tenham sido produzidos em diferentes contextos históricos, suas narrativas continuam dialogando com questões presentes na contemporaneidade. Medo, solidão, desejo de pertencimento, necessidade de autonomia, enfrentamento das perdas e busca por identidade permanecem experiências fundamentais da condição humana. Por essa razão, os contos de fadas continuam despertando interesse acadêmico e

psicológico, sendo compreendidos não apenas como manifestações culturais, mas também como expressões profundas da vida psíquica.

Dessa forma, a análise confirma que os contos de fadas constituem importantes expressões do inconsciente coletivo e representam, em linguagem simbólica, os desafios e transformações inerentes ao desenvolvimento humano. Suas narrativas oferecem modelos psicológicos de crescimento e amadurecimento, permitindo compreender como os arquétipos participam da construção da identidade e da busca pela totalidade psíquica. Mais do que histórias fantásticas, revelam-se instrumentos privilegiados para a compreensão da subjetividade humana e dos processos de transformação que acompanham a trajetória individual e coletiva.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada neste estudo permitiu concluir que os contos de fadas constituem importantes expressões do inconsciente coletivo e desempenham papel significativo na representação simbólica dos processos psicológicos humanos. A partir das contribuições de Jung (2008; 2012), Bettelheim (2010) e Von Franz (2010; 2017; 2022), verificou-se que essas narrativas preservam imagens e estruturas simbólicas universais que atravessam gerações e culturas, permanecendo relevantes para a compreensão da experiência humana. Mais do que histórias fantásticas, os contos de fadas revelam aspectos profundos da vida psíquica, oferecendo representações simbólicas dos conflitos, desafios e transformações que acompanham o desenvolvimento da personalidade.

Os resultados demonstram que os arquétipos descritos por Jung aparecem de forma recorrente nessas narrativas, manifestando-se por meio de personagens, cenários e acontecimentos que refletem padrões universais da experiência humana. O herói simboliza a busca pela superação e pelo crescimento; a sombra representa os aspectos desconhecidos ou reprimidos da personalidade; o velho sábio expressa orientação e conhecimento; e o Self manifesta-se como símbolo da totalidade psíquica. A recorrência dessas imagens em diferentes contos reforça a compreensão de que elas derivam do inconsciente coletivo e desempenham importante papel na organização da vida psicológica.

A análise também evidenciou que os contos de fadas representam simbolicamente os processos de individuação descritos por Jung (2012). Os protagonistas geralmente iniciam suas jornadas em situações de fragilidade, desconhecimento ou incompletude e, ao longo da narrativa, enfrentam desafios que promovem crescimento, transformação e amadurecimento. Nesse percurso, elementos como florestas, monstros, castelos e tesouros funcionam como metáforas de experiências psicológicas relacionadas ao enfrentamento dos conflitos internos e à integração de diferentes dimensões da personalidade. Dessa forma, os contos de fadas oferecem modelos simbólicos que representam a trajetória humana em direção ao autoconhecimento e à construção da identidade.

Outro aspecto importante identificado refere-se à função psicológica dessas narrativas. Conforme argumenta Bettelheim (2010), os contos de fadas permitem que experiências emocionais complexas sejam elaboradas por meio da fantasia e da imaginação. Temas como medo, abandono, rivalidade, desejo, autonomia e amadurecimento são transformados em imagens simbólicas que favorecem a compreensão e a elaboração de conflitos emocionais. Por essa razão, essas histórias continuam exercendo importante papel na formação subjetiva, auxiliando indivíduos de diferentes idades a atribuir significado às experiências vividas.

As contribuições de Marie-Louise von Franz (2022) reforçam ainda a ideia de que os contos de fadas constituem uma das expressões mais diretas do inconsciente coletivo. Ao concentrarem-se em conflitos essenciais da existência humana, essas narrativas permitem observar com clareza os movimentos fundamentais da psique e os processos de transformação que acompanham a vida. Nesse sentido, personagens e acontecimentos fantásticos revelam-se representações simbólicas de processos internos relacionados ao crescimento psicológico, à integração da personalidade e à busca de equilíbrio.

Os contos de fadas, portanto, não são apenas narrativas destinadas à infância, mas importantes instrumentos simbólicos para a compreensão da condição humana. Sua permanência ao longo do tempo evidencia sua capacidade de expressar conflitos universais, despertar processos de identificação e oferecer reflexões sobre o desenvolvimento psicológico. Ao representar simbolicamente a luta contra os medos, a busca pela identidade, o enfrentamento da sombra e a realização do Self, essas narrativas continuam contribuindo para a compreensão do autoconhecimento, da transformação interior e da busca pela totalidade psíquica. Por essa razão, permanecem como relevantes objetos de estudo para a Psicologia Analítica, a literatura, a educação e todas as áreas interessadas na compreensão dos processos humanos de crescimento e desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

- BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.
- JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- VON FRANZ, M.-L. **A interpretação dos contos de fada**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2022.
- VON FRANZ, M.-L. **A individuação nos contos de fadas**. São Paulo: Paulus, 2017.
- VON FRANZ, M.-L. **O feminino nos contos de fadas**. São Paulo: Paulus, 2010.